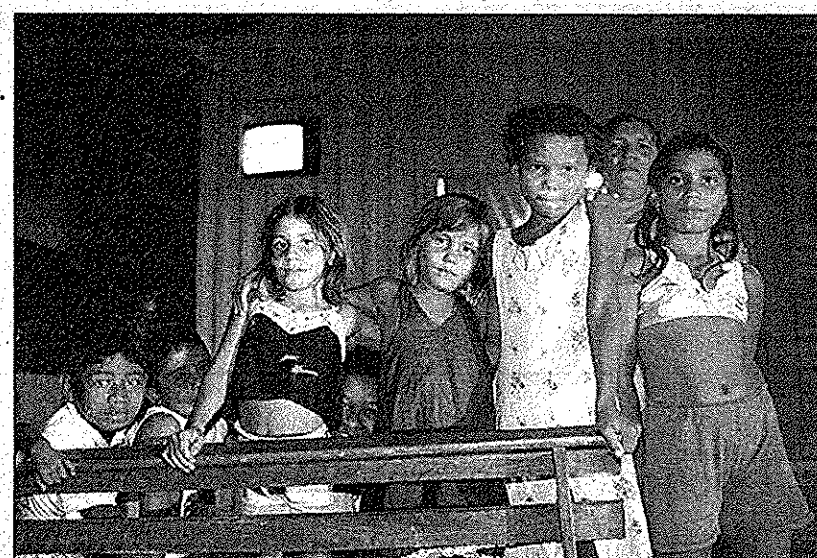




Fórmula natural de saúde: a pequena índia Anani come cacau em sementes e é pintada de urucum todos os dias pela mãe para evitar picadas de mosquito



Crianças da Vila de Maracá: vivas graças às campanhas de vacinação

## Falta de saneamento mata

Saneamento é o pai da Saúde, costumam dizer médicos sanitaristas. Dizem e provam. Pesquisadores do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) estudaram a relação entre mortalidade infantil e acesso às redes de água e esgoto e coleta de lixo. A conclusão é impressionante: toda vez que se amplia em 1% o acesso ao saneamento básico para as famílias de baixa renda a mortalidade infantil cai 6,1%.

O impacto maior sobre os óbitos ocorre quando as crianças passam a beber água limpa. Aí, a taxa de mortalidade cai em média 2,5%.

"O saneamento é definitivo e essencial para que um número menor de crianças morram. Em todos os municípios onde houve redução de mortalidade houve investimento proporcional no saneamento", explica Neide Glória, sanitarista do departamento de Assistência e Promoção à Saúde do Ministério da Saúde.

As estatísticas dão razão a Neide. De 1995 até 1996, o governo federal beneficiou 2 milhões e 181 mil famílias com 1.200 obras de água e esgoto. "Foram investidos R\$ 1 bilhão e 173 milhões", conta Dilma Pereira, diretora de saneamento da Secretaria de Política Urbana do Ministério do Planejamento.

A maioria dessas obras foi feita no Nordeste. Foram também os estados nordestinos os que mais reduziram as taxas de mortalidade infantil — é bem verdade que continuam donos do maior índice nacional de mortes, com 74 óbitos de crianças de menos de um ano para cada mil nascidas vivas.

Em Alagoas, por exemplo, a taxa de mortalidade em 1994 era de 183 mortes por mil crianças. Doze meses depois esse índice caiu 38%, passando para 113 — mas mesmo assim os alagoanos continuam sendo os campeões nacionais de mortes de crianças com menos de um ano.

Foi na Paraíba que um número maior de meninos deixou de morrer. Em 1994, 112 crianças em cada mil morriam antes de completar um ano; em 1995 essa taxa caiu para 48, registrando redução de 57%.

### RECEITAS EXÓTICAS

Enquanto os burocratas de Brasília brigam para implantar rede de água e esgoto, uma parcela de brasileiros vi-

ve sem saber o que é saneamento e não liga para essa ausência. São os índios. Muitos deles inventaram sua própria fórmula para beber água limpa.

Os índios da tribo waiápi, a maior da Amapá, têm dois mandamentos: respeitar a natureza e os filhos — os "mimis", na língua tupi, falada por eles e absolutamente incompreensível.

Da natureza eles tiram a água e a comida. É no rio também que fazem xixi e cocô. "Mas desde cedo ensinamos aos nossos filhos que o lugar de beber deve ser sempre acima do lugar de fazer as necessidades", explica Kanajo, 16 anos, mãe de Anani, uma menina gorducha e linda que mora na aldeia de Aramirã, a 200 quilômetros de Macapá.

A pequena Anani é o xodó da mãe, que faz com a filha coisas estranhas para quem mora longe da Amazônia. Todos os dias Kanajo passa urucum na pele de Anani, que fica toda pintada de vermelho. "É a melhor maneira de evitar os mosquitos", ensina a índia, que também tem outra receita exótica para engordar a filha: "Dou cacau em semente. Não é o chocolate como vocês fazem na cidade".

### VACINAS

Kanajo e Anani nunca foram à cidade, acham que Macapá com seus 150 mil habitantes é enorme, mas têm um hábito igual ao dos brancos: tomam vacinas.

"A Funai sempre vem aqui vacinar a gente. Nos explicaram que assim evitamos pegar as doenças dos brancos", conta Kanajo, uma analfabeta que fala com dificuldade o português.

Vacinação, aliás, é uma das coisas que mais dão certo para as crianças brasileiras. Apesar de ter faltado vacina de sarampo no ano passado, o País tem índices excelentes de cobertura vacinal.

Em 1996 a campanha de vacinação contra a paralisia infantil alcançou o maior índice dos últimos 13 anos. Um total de 98,15% de crianças foi vacinado, inclusive a pequena Anani. "A gente não gosta. Dói", diz Kanajo.

**LEIA AMANHÃ**  
Como se tratam as doenças no Brasil